

A contribuição de Danton Jobim para o ensino de jornalismo: análise atual das escolas pioneiras¹

Marcia Furtado Avanza²

Resumo: Esta pesquisa analisa a contribuição do jornalista Danton Jobim para o desenvolvimento de uma pedagogia do jornalismo. Jobim foi o primeiro professor a ocupar a cadeira de Técnicas de Redação Jornalística no Curso de Jornalismo da Universidade do Brasil. A partir de seu curso no Ciespal, em Quito, Equador, buscou-se compreender suas propostas para o ensino do jornalismo, partindo da análise textual dos volumes preparados para embasar a formação de professores de toda a América do Sul.

Palavras Chave: Jornalismo; Pedagogia do Jornalismo; História do Jornalismo; Danton Jobim; América Latina.

Abstract: This research analyzes the contribution of journalist Danton Jobim to development of pedagogy in journalism. Jobim was the first professor to occupy the chair of Technical of Editorial Writing for Newspaper in the Journalism Course at the University of Brazil. Starting from his Methodology Course teaching Journalism at CIESPAL, in Quito, Ecuador, a search us undertaken to understand his proposals for teaching journalism, beginning from the textual analysis of volume prepared to sustain the development of teachers for all South America.

Keywords: Journalism. Danton Jobim. pedagogy in journalism. history of journalism.

Danton Jobim e o curso de Jornalismo

No ano de 1948, Danton Jobim assumia a cadeira de Técnicas de Redação Jornalística do recém-criado curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ), situada no Rio Janeiro, apenas alguns meses depois da criação do curso pioneiro, o da Faculdade Cásper Líbero, em 1947. Para ocupar tal cargo, trazia um extenso currículo profissional e intelectual. Nascido em Avaré, Estado de São Paulo, em 1906, Jobim formou-se em Direito, mas dedicou toda sua vida à atividade jornalística. Iniciou a carreira no Rio, em 1923, na redação de *O Trabalho*, jornal vinculado ao então jovem Partido Comunista Brasileiro. Depois trabalhou nos principais jornais da então Capital Federal como *A Noite*, *A Manhã*, *Correio da Manhã* e *O Globo*, entre outros, além de uma curta passagem por São Paulo, onde foi secretário de redação do *Diário de Notícias*. Chegou a assumir a presidência do jornal *Última Hora*, no lugar de Samuel Wainer, mas destacou-se mesmo no *Diário Carioca*, jornal onde trabalhou de 1933 a 1965, assumindo as funções de redator político, redator chefe, articulista, editorialista e diretor de redação.

O grande mérito de sua passagem pelo *Diário* foi a promoção de uma verdadeira revolução no jornalismo brasileiro, a partir da adaptação das modernas técnicas norte-americanas. Junto com Pompeu de Souza, introduziu o *lead* e modernizou o texto jornalístico. Do *Diário Carioca* as mudanças migraram para o *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo* e, depois, para todo jornalismo brasileiro.

Ao assumir a carreira de professor na Universidade do Brasil, passou a se dedicar à pesquisa. Uma de suas grandes contribuições foi disseminar a perspectiva brasileira de análise do jornalismo em países da Europa e da América do Norte

¹ Este artigo é parte da tese de doutorado da autora, intitulada “Danton Jobim: o mediador de duas culturas. Por uma pedagogia do Jornalismo”.

² Mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, é diretora do Fiam-Faam - Centro Universitário, onde também coordena o curso de Jornalismo (marcia.avanza@gmail.com).

(MARQUES DE MELO, 2003a). Fiel “ao ‘espírito do jornalismo’ e entendendo-o como ‘necessidade social’”, como aponta Marques de Melo (1983, p.11), Jobim concebia o jornalismo como mais do que uma simples atividade profissional. Suas reflexões acerca do tema mostram que para ele o jornalismo era, sobretudo, “um exercício superior da inteligência e da cultura” (AZEVEDO FILHO, 1981, p.15).

Jobim (2003) também entendia que a compreensão do jornalismo ia muito além da técnica. Para ele, jornalismo tem sua própria “verdade”, que não pode ser a de um sociólogo ou de um historiador, porque é uma hipótese impossível de ser verificada através de processos de que eles se servem. Como explica, é “uma verdade por assim dizer provisória e contingente”. Por isso, separava o jornalismo das demais ciências, reconhecendo, contudo, sua interação. No entanto, confessava que o jornalismo no Brasil não dispunha, naquela época, de informações ou de dados confiáveis que pudessem promover um entendimento maior do fenômeno.

A discussão sobre o currículo

A rejeição do mercado profissional à criação dos cursos de jornalismo trouxe à tona discussões acerca do currículo e do foco do ensino, provocando divergências sobre a questão técnica e a formação humanística que deveria ser dada ao estudante.

Embora reconhecendo as necessidades e as deficiências existentes na parte técnica do curso da Universidade do Brasil – o mesmo também ocorria na Cáster Líbero, segundo Rizzini (1953) –, Jobim apontava a falta de compreensão dos próprios alunos, que acreditavam ser esta a parte essencial do curso, queixando-se do excesso da parte acadêmica. Retrucava que, embora não se tivesse encontrado ainda o modelo ideal – o currículo sofria alteração a cada ano –, o curso não poderia ser considerado meramente uma formação de práticos em jornalismo, mas deveria, sim, dar os conhecimentos necessários para que o profissional pudesse exercer sua profissão com uma cultura universitária.

Justificava sua preocupação citando o problema do ensino secundário, onde matérias básicas para o desempenho jornalístico – como português, história, geografia e literatura – eram deficientemente ensinadas. Para ele, o ensino de jornalismo não poderia ser apenas uma questão de currículo, mas principalmente de análise da aplicação da profissão, de como estimular o aluno à reflexão e de como coordenar a participação de todos os envolvidos: instituição, aluno e professor.

A proposta pedagógica no Ciespal

Como professor de jornalismo desde o final da década de 40, Jobim já levantava questões ainda presentes nas discussões acerca do ensino, como a integração da teoria com a prática. A partir de sua experiência com o treinamento de “focas” no *Diário Carioca* e no curso de Jornalismo da Universidade do Brasil, Danton Jobim elaborou sua proposta de pedagogia para o jornalismo, curso que ministrou desde o início dos anos 60 para professores de toda a América Latina no Ciespal, em Quito, Equador.

Seu manual inexistia nas bibliotecas brasileiras e o resgate desse material só foi possível graças ao arquivo pessoal do professor José Marques de Melo. Nele, Jobim estruturou a proposta de um modelo pedagógico que se baseava no objeto de estudo (o jornalismo), no aluno, no professor, no currículo e no método de ensino. Para o autor (1964, p.4-5), a importância da preparação universitária está muito mais ligada à formação de profissionais “aptos para melhorar o instrumento de ação social terrivelmente eficaz que é a imprensa”, sobretudo, preparados e qualificados para

suportar as grandes responsabilidades que se atribuem a todos os que usam esse “poderoso instrumento”.

Assim, considerava que as escolas tinham obrigação de formar, educar, descobrir e desenvolver nos alunos tendências e aptidões que, devidamente orientadas, conduziam os jovens a uma sólida formação humanística profissional. Tal proposta se apoiava num tripé que considerava as questões moral, cultural e técnica durante todo o curso, tendo como fundamento o pragmatismo de John Dewey, cujo foco está centrado no conceito de continuidade e democracia dentro do ensino – e para quem a educação é uma função social ligada aos objetivos da sociedade.

A contribuição das escolas superiores de Jornalismo

Sem dúvida, as faculdades tiveram – e ainda têm – um papel importantíssimo no processo de profissionalização do jornalismo brasileiro. Não que tenham atuado sozinhas nesse sentido, mas deram sua contribuição fundamental na construção não apenas de formação humanística e de técnicas profissionais, mas de uma deontologia, um conjunto de valores que pautam o dia a dia, o comportamento e a ação desse profissional numa nova forma de pensar a profissão. Desde o primeiro curso, como apontado por Danton Jobim, as faculdades se mostraram atentas à modernização da imprensa e ao modelo de profissionalização do jornalismo.

É certo que, mesmo com todas as carências e deficiências, mesmo não formando o profissional ideal, a faculdade é o principal espaço para dar formação técnica e teórica mais adequada e consolidar valores. Por isso, é importante compreender que caminho elas estão tomando e para onde segue o ensino de jornalismo, num período em que, mais do que as ocorridas na década de 1950, a imprensa está passando por profundas transformações.

O jornalismo vive hoje um momento muito particular na sua história, de transformação no campo profissional, onde ainda não se vislumbra aonde vai parar ou se vai parar. As mudanças tecnológicas tiveram e estão tendo um forte impacto na profissão, inclusive reconfigurando o próprio mercado empresarial. Ninguém aposta com certeza no que vai acontecer: convergências de mídias, telejornalismo on-line, outras formas de linguagem, outras formas de informar, nada está muito consolidado. Até mesmo a linguagem da internet, presente há algum tempo na vida das pessoas, ainda está sendo experimentada. Por isso mesmo, este é um momento de experimentação no campo que pode ser enriquecedor.

A nova Cásper Líbero

O que mudou na Faculdade Cásper Líbero desde sua fundação? Pesquisa da professora Rosalba Facchinetti (2006) sobre o curso de jornalismo apontou a questão, a nosso ver primordial, sobre a deficiência mais sentida pelos alunos e levantada por Jobim há quase 50 anos: a deficiência na formação cultural do aluno. Facchinetti reproduz a crítica de um aluno: “Cultura geral, é o conteúdo... na hora de escrever não adianta conhecer a tecnologia se falta cultura geral, a gente não consegue escrever”.

A pesquisadora aponta, numa das escolas mais reconhecidas no país na área de jornalismo, alguns problemas que com certeza são sentidos na maior parte dos cursos brasileiros: uma inadequação da parte teórica com a parte prática no projeto pedagógico; a pouca preocupação da instituição com a formação dos professores – valorizando mais a atuação profissional que a qualificação, burlando, inclusive, a legislação que obriga a contratação de mestres e doutores, prática comum nas instituições de ensino particulares – o que pode comprometer a qualidade da parte teórica; a

prevalência da tecnologia (a faculdade tem laboratórios de alta qualidade) em detrimento do conteúdo; a falta de exigência para que os alunos se envolvam na produção dos veículos laboratórios que a faculdade disponibiliza; além da quase inexistência de atividades relacionadas à comunidade, as chamadas atividades de extensão.

Na verdade, esses são problemas que afetam a grande maioria das escolas particulares de jornalismo inseridas dentro da lógica de mercado. Como o investimento em tecnologia tem que ser cada vez maior, a contratação de docentes sem a qualificação ideal torna-se uma maneira de equilibrar os custos. Isto gera outro problema: a falta de dedicação do docente às atividades acadêmicas, o que implica em prejuízo na interdisciplinaridade ou no diálogo entre as disciplinas. Os professores não discutem com os colegas as formas de integração, fazendo com que o aluno não encontre relação entre elas. Esse é um fator que pode gerar, muito provavelmente, a desmotivação em relação às matérias não técnicas, ponto essencial no ensino, segundo Jobim. Ainda existe o problema de, mesmo nas matérias técnicas, não haver uma continuidade de conteúdo, caso das disciplinas que requerem aprofundamento a cada semestre (Ex: Técnicas de Redação Jornalística I, II e III).

Pouco depois da pesquisa de Rosalba Facchinetti, a Cásper Líbero fez uma nova alteração curricular – no ano de 2006 –, que aponta para o que comentamos há pouco: o currículo foi reestruturado, com a diminuição de algumas horas aulas³. Embora no total a redução na carga seja de apenas 64 horas aulas, a disciplina Projetos Experimentais passou de 288 para 448 horas aula, o que pode representar um aumento no tempo de atividade do aluno, mas não necessariamente um aumento da carga horária do professor, já que geralmente nesse período o estudante tem apenas orientações esporádicas com seus mestres.

O atual curso de jornalismo da UFRJ

Já a Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a antiga Universidade do Brasil, não enfrenta problemas com a qualificação do corpo docente, exatamente por ser uma universidade pública, que geralmente exige, para o início da carreira docente, o grau de Doutor ou Mestre, na ausência do primeiro. Dos 62 docentes do curso de Comunicação Social no momento dessa pesquisa, 52 tinham doutorado ou pós-doutorado.

Mas a ECO não foge à regra quando se trata de “comunicação” entre as disciplinas. A ex-chefe do Departamento de Jornalismo, Ana Paula Goulart Ribeiro⁴, reconhecia que esse era um problema difícil de resolver, embora tal discussão fosse frequente nas reuniões.

No curso que coordeno, eu não consigo fazer com que as disciplinas “conversem” umas com as outras. Nós temos discutido muito isso nas reuniões, inclusive com os coordenadores de outras habilitações e com a coordenadora do ciclo básico. Fazer as disciplinas dialogarem, inclusive as teóricas com as práticas e o ciclo básico com o ciclo profissional, é a preocupação grande que temos tido. Evitar ter conteúdos que faltem ou duplicados, e que os alunos possam entender que uma coisa que eles viram numa disciplina tem a ver com o que eles viram na outra, nós temos essa preocupação, mas isso não é fácil.

³ A grade curricular passou de 2.816 para 2.752 horas aula.

⁴ Em entrevista à autora em 20/12/2006.

A jornalista e professora aposentada da UFRJ Ana Arruda Callado⁵ insiste que o problema está centrado na falta de projetos conjuntos entre os professores. Ela acredita que boa parte da questão envolve vaidades pessoais dos professores, além da dificuldade de trabalhar em equipe. Isso impediria, segundo a jornalista, que cada um tivesse seu brilho individual.

Na UFRJ eu tentei tanto isso [trabalhar com projetos]. Vamos fazer um jornal, escolher um determinado tema. Aí o professor de antropologia tem que entrar, o de sociologia também. No outro semestre um outro projeto, bem diferente, um jornal de 1964, por exemplo. Mas eu nunca consegui isso, vaidade dos professores, porque eles não sabem trabalhar em equipe, por querem brilhar.

Mas a implantação de um novo projeto pedagógico em 2001 foi fundamental para que o curso da UFRJ inovasse. Ana Paula Goulart Ribeiro acredita que a reforma curricular foi feita preocupada principalmente com dois aspectos: primeiro, com a articulação da teoria com a prática, buscando o equilíbrio, acabando com uma divisão que, ela acredita, dá a sensação de serem dois cursos, onde nos dois primeiros anos ministrasse exclusivamente teoria e, nos dois últimos, essencialmente prática. Essa divisão, segundo a professora, é muito prejudicial para a formação do profissional de jornalismo. Um segundo aspecto foi proporcionar ao aluno um currículo flexível que o ajude a construir o seu próprio percurso, oferecendo um número maior de disciplinas optativas.

O aluno, quando presta o concurso vestibular da UFRJ não indica uma habilitação específica; ingressa no curso de Comunicação Social. Apenas no terceiro semestre do ciclo básico é que faz a opção. O ciclo básico, no entanto, não oferece apenas disciplinas teóricas⁶. Dentro da grade são oferecidas várias disciplinas laboratoriais e o aluno pode optar por duas delas. Segundo Ana Paula, é uma forma de ajudar o estudante a escolher mais conscientemente a habilitação que pretende seguir.

É a partir do quarto semestre que o estudante ingressa no ciclo profissional. Esse ciclo é formado por quatro grupos de disciplinas: as obrigatórias, as complementares de teoria, as complementares de habilitação, além das complementares de livre escolha. Do grupo de disciplinas obrigatórias fazem parte aquelas consideradas absolutamente fundamentais para qualquer jornalista, mas é composto por um número reduzido de matérias. Nesse núcleo entram as disciplinas de Redação Jornalística I e II, Técnicas de Reportagem I e II, Telejornalismo I, Radiojornalismo I, Jornalismo Gráfico, História do Jornalismo, Fotojornalismo, Assessoria de Imprensa, Edição Gráfica, e Legislação e Ética em Comunicação.

As complementares de habilitação são as disciplinas específicas de jornalismo, mas nenhuma delas é obrigatória. Geralmente é um aprofundamento de disciplinas obrigatórias – como no caso de Telejornalismo II ou Radiojornalismo II – ou ligadas ao jornalismo especializado – casos do Jornalismo Esportivo, do Jornalismo Econômico e do Jornalismo Científico, entre outros. Dentro de cada semestre, o aluno deve cursar uma disciplina de 30 horas dentro dessa categoria, totalizando 180 horas ao final do curso.

⁵ Em entrevista à autora em 20/12/2006.

⁶ O ciclo básico é composto por 19 disciplinas e mais dois laboratórios, todos com 60 horas aulas. As disciplinas são as seguintes: Língua Portuguesa I e II; Linguagem Gráfica; História da Comunicação; Comunicação e Artes; Teoria da Comunicação I, II e III; Comunicação e Realidade Brasileira; Comunicação e Filosofia; Linguagem audiovisual I e II; Sistemas e Tecnologia da Comunicação; Comunicação e Economia; Comunicação, Psicologia e Cognição; Sistemas de Informação; Comunicação e Mercadologia; Fotografia; e Antropologia e Comunicação.

As complementares de teoria também são distribuídas ao longo de todos os semestres, sendo obrigatório o estudante cursar uma disciplina de 60 horas em cada um, totalizando 240 horas. O interessante dessa proposta, de acordo com Ana Paula, é a união da teoria com a prática, concepção que norteou o novo projeto pedagógico. Ela acredita que é uma forma de driblar a eterna discussão sobre o que deve ser privilegiado nas estruturas curriculares para a formação do jornalista, discussão esta presente desde a criação do primeiro curso. “Até hoje, por mais que se discuta, ainda é um dilema. Alguns acham que o curso tem que ser mais técnico, outros defendem que deva ser mais teórico, outros acham que tem de haver um equilíbrio”, reforça, reconhecendo que esse é um problema muito sério, e que se agrava em função das disciplinas teóricas serem sempre colocadas logo no início do curso.

Finalmente, no grupo das complementares de livre escolha, o estudante pode optar por cursar disciplinas em Comunicação ou em qualquer outra área do conhecimento nas unidades da UFRJ. Ana Paula explica que, dessa forma, ele pode construir o seu currículo de acordo com seu interesse. Cita, como exemplo, o caso de um aluno que esteja mais voltado para a área de economia: ele pode, nas complementares de habilitação, escolher a disciplina de Jornalismo Econômico e, nas complementares de livre escolha, optar por cursar Introdução à Economia, na Faculdade de Economia, ou História Econômica do Brasil ou História Econômica Geral, na Faculdade de História. O estudante deverá cumprir 240 horas de disciplinas de livre escolha. Sem dúvida, o currículo flexível ajuda o aluno a construir a formação que pretende ter, ajuda a construir seu próprio percurso.

Embora a estrutura curricular da Escola de Comunicação da UFRJ indique uma proposta avançada de ensino, seu antigo prédio – o Palácio da Praia Vermelha – localizado na Urca, zona sul do Rio de Janeiro, suntuoso por fora e decadente por dentro, indica o grave problema de falta de verbas que sofrem as universidades federais no Brasil.

O legado de Danton Jobim

Há 50 anos Danton Jobim já pregava a importância da formação de um profissional crítico, capaz de acompanhar as transformações do seu tempo, evocando John Dewey, que defendia que o processo educacional não tem um fim além de si mesmo e que a educação é um processo de contínua reorganização, construção e transformação. Portanto, não se pode conceber educação como um processo de preenchimento de vazios.

O ensino do jornalismo, num momento de modificações na profissão, deve ter como prioridade a formação de um profissional preocupado com as mudanças e as novidades, mas também com uma formação sólida capaz de fazer com que se adapte aos novos tempos.

Não se trata de dar ao aluno uma formação baseada no que se faz no mercado, porque o mercado está dinâmico, se modificando da noite para o dia. Mas de prepará-lo para novos campos profissionais, de torná-lo um protagonista de seu tempo, capaz de propor mudanças criativas, inovadoras, assim como fez Jobim em seu tempo.

De sua proposta pedagógica, percebe-se uma grande influência no atual projeto pedagógico da Escola de Comunicação da UFRJ. A principal delas talvez seja na participação do aluno no processo de aprendizagem. Oferecendo ao estudante a possibilidade de escolhas na sua formação, a escola reforça o conceito de Jobim de que só se aprende o que realmente se quer aprender. Dessa forma, traz ao aluno a motivação para aprender as disciplinas de seu interesse, tornando-o um agente de sua própria formação.

Da mesma forma, outra contribuição pode ser vista na associação das disciplinas de humanidades com a comunicação, como pode ser visto no ciclo básico (Comunicação e Filosofia, Antropologia e Comunicação, Comunicação e Artes, entre outras), associando os nexos necessários entre o ensino dessas disciplinas com o processo da comunicação social. Jobim propunha o ensinamento das humanidades voltadas para o jornalismo, associando os fatos, e trazendo para as questões da realidade dos nossos tempos.

O cerne da concepção do novo currículo, a integração das disciplinas teóricas e práticas, também era uma das prioridades de Jobim ainda nos anos de 1960. Pouco se avançou nesse sentido e essa continua a ser a grande queixa dos alunos. A vantagem da ECO é a tentativa de fazer essa integração, principalmente quando a teoria pode ser eletiva. Deixando que o aluno escolha suas disciplinas, as reclamações diminuem, porque o estudante passa a ser co-autor de sua grade curricular.

Mas o grande “calcanhar de Aquiles” continua sendo a questão da formação de cultura geral do aluno. Alguns ensinamentos importantes para a formação do jornalista, na opinião de Jobim, são ignorados pela escola, ou relegados ao grupo de livre escolha; isto é, dependem do interesse do aluno. Entre esses ensinamentos encontram-se a Literatura, a História e a Geografia. Pode parecer uma regressão ensinar Geografia na universidade, dentro de um curso de jornalismo, mas Ana Arruda Callado⁷ não pensa assim:

O Danton defendia uma coisa incrível: a geografia. Como você pode comentar uma guerra no Iraque se não sabe onde fica, não conhece a questão econômica... E aí tem a tragédia da internet. Eu escutei um aluno dizer “Ana, para que a gente precisa saber isso, basta acessar a internet”. As pessoas confundem conhecimento com informação. Você não tem que saber a população do Iraque, para isso você tem que acessar o Google. A internet é maravilhosa para isso. Mas você tem que ter idéia da formação do Iraque, dos seus vizinhos do Iraque, etc. A importância da geografia e da história é fundamental e muito útil. Os alunos não sabem por que o colégio é ruim, não ensina mais nada.

A jornalista garante que o seu curso, no início da década de 1960, “que era quase um curso de humanidades” e não tinha sequer máquina de escrever, era melhor que os cursos atuais, porque incluía História da Arte, Teoria do Estado e Literatura Portuguesa e Brasileira. Lembra-se de que, quando lecionava Técnicas de Redação, fazia com que os alunos lessem primeiro as histórias do Guimarães Rosa para compreender a diferença entre discurso literário e discurso jornalístico e eles reclamavam porque achavam os textos “muito complicados”. Ressalta que, embora tenha lido centenas de livros de sociologia, antropologia e história, só entendeu o país quando leu os grandes romances brasileiros. Então, como afastar os alunos da literatura? Ana Arruda vai além, associando a qualidade do texto jornalístico com o conhecimento da literatura.

Há uns 15 anos, eu cheguei à França e peguei um jornal. Na primeira página tinha uma matéria sobre o preço do cacau, uma matéria de economia, que começava assim: “Já se foi aquele tempo de fartura retratado nos romances do brasileiro Jorge Amado. A região de cacau na Bahia (...)”. Era para falar sobre a queda de preço de cacau, em um jornal francês. Naquele tempo, se um jornalista brasileiro escrevesse isso era crucificado, e você quer coisa mais objetiva do que isso?

⁷ Em entrevista à autora em 20/12/2006.

Porque isso é objetividade, não é nariz de cera. Aquilo acabou, o cacau agora é outra coisa. Era uma reportagem de economia para explicar claramente a situação. Então, para mim, isso é jornalismo.

Mesmo assim, a professora defende os cursos superiores, apontando a falta de qualidade do ensino médio. “O aluno entra na faculdade semi-alfabetizado, porque os colégios mal alfabetizam hoje em dia. Nunca leu nada, não sabe de nada, em três anos vai aprender tudo?” Ela acredita que as empresas jornalísticas não podem exigir que um recém-formado saia pronto para se tornar um editor, porque nem mesmo um médico sai da faculdade pronto para fazer uma cirurgia de coração. “Primeiro ele vai passar pela residência, vai ser o assistente do assistente do assistente”. Insiste que o curso de jornalismo não é um curso mágico, que forma um editorialista em três ou quatro anos. Defende, ainda, que as empresas jornalísticas deveriam investir mais em formação. “O Danton reclamava muito que não existia uma parceria da faculdade com as empresas e continua sem existir. As empresas tinham que bancar os cursos de comunicação. Quero ver certos editores dando aula...”.

É realmente um problema cultural. Ana se queixa de que quando dava aula na PUC do Rio de Janeiro, “faculdade de elite”, após a prova fazia algumas “perguntinhas” do tipo: cite cinco cineastas vivos brasileiros e cinco mortos; ou pintores. E nenhum aluno respondia. “Como é que pode ser jornalista se não vai ao museu, não conhece pintura e não tem interesse?”

A cultura se adquire com o tempo, justifica Ana Arruda, e os colégios brasileiros estão muito ruins, “o tal do segundo grau não existe”. Por isso, a faculdade tem dificuldades de suprir toda a falta de informação e cultura do aluno.

Vou contar a diferença entre o jornalista de 1960 e do jornalista de hoje. O *Jornal do Brasil* recebia toda a semana a visita de um senhor espanhol chamado Sr. Alfredo. Era um vendedor da Aguilar, aqueles livros grandes de papel arroz que eram obras copiadas. Tinha uma página inteira de caderno com o nome das pessoas do *Jornal do Brasil* que compravam dele. Ele dizia: “Ana, você acabou de pagar a Cecília Meirelles e saiu o Garcia Lorca”. Eu respondia: “Seu Alfredo, eu sou repórter, não tenho dinheiro”. E ele retrucava: “Tem sim, a gente faz baratinho”. Ele vendia à prestação e vendia muito. Imagina o Sr. Alfredo entrando nas redações hoje... Morreria de fome.

É bem verdade que nesse tempo o jornalismo tinha dois tipos de profissionais. Os repórteres com pouca ou quase nenhuma formação, que tinham capacidade de apurar bem a notícia, mas eram incapazes de escrever um texto com qualidade; e os redatores e colunistas, geralmente intelectuais ou profissionais recém-saídos da universidade, de diferentes áreas, que se encarregavam de reescrever os textos dos repórteres menos capazes. Existiam ainda os que falavam inglês, casos raros, e que eram direcionados para a editoria de internacional.

Isso justifica a explicação de Jobim (1964, p.71) sobre a pretensão das faculdades de jornalismo no Brasil:

Sustentamos, por outro lado, que uma escola de jornalismo não foi feita para formar grandes repórteres ou editores, mas sim para elevar o nível do pessoal empregado nas atividades de redação, dando-lhes ao menos uma base humanística razoável e ensinando-lhes o que se chama os “segredos do metier”.

Palavras surpreendentes para quem defendia o ensino do jornalismo, mas compreensíveis dentro do contexto geral da profissão na década de 1950. Ana Arruda conta que quando entrou no *Jornal do Brasil*, em 1958, disseram-lhe para não contar que fazia faculdade, porque os colegas iriam rir dela. Os profissionais mais qualificados geralmente vinham do curso de Direito e alguns do curso de Letras, alguns altamente gabaritados.

Essa, provavelmente, também era a razão que fazia com que Jobim (1964, p.71) não creditasse ao curso de jornalismo a primazia ou a exclusividade de formar profissionais para as redações, embora pareça contraditória com a defesa de que só jornalistas (que não eram formados em jornalismo, naquela época) pudessem ensinar jornalistas.

Não estou afirmando que sejam desnecessárias as escolas de jornalismo tal como se dão em nossos países. O que sustentamos é que tais escolas não podem aspirar o monopólio da formação de jornalistas. Estão destinadas para preparar profissionais correntes e não para cortar o caminho aos excepcionalmente dotados, que se forjaram em uma boa cultura geral.

A questão cultural sempre foi colocada em foco por Jobim. Justamente ele, que trouxe e adaptou as técnicas norte-americanas num momento em que nossa influência cultural – e jornalística também – era oriunda da Europa. Ana Arruda justifica:

O Danton era muito inteligente. Mostra o tipo de expansão da cultura dele, evidentemente, da cultura francesa que era a cultura de sua época. Basta ver a quantidade de expressões em francês que ele usa no texto. Mas ele se voltou para os Estados Unidos e foi esperto para perceber que lá também havia vida inteligente. Muito pouca, é verdade, mas existia. E ele foi lá e pegou o que havia de melhor.

Foi exatamente esse conhecimento e essa aceitação de duas culturas tão distintas que possibilitou que Danton Jobim se tornasse um elemento agregador, somando as diferenças para encontrar um modelo de jornalismo e de ensino que contribuísse para a formação de um profissional mais qualificado e em busca de uma função social, que tem como propósito a melhora das condições sociais. Uma verdadeira mediação cultural em busca da concepção de jornalista que ele tinha:

O jornalista é um perpétuo estudante, no sentido de que nunca fechará o livro das noções, dos conhecimentos gerais das humanidades modernas. E é um perpétuo investigador, porque sua curiosidade é ilimitada, não se detém diante de nenhum obstáculo. E é, todavia, um mestre, um mestre de conglomerados, que contribui para a formação do homem contemporâneo através da informação sistemática, distribuída por meio de certas técnicas de comunicação que a escola de jornalismo lhe ajuda a conhecer e a dominar (JOBIM, 1964, p.71).

Sem dúvida, as escolas de jornalismo devem formar esse profissional defendido por Jobim que, em última hipótese, ajudará a construir um mundo melhor. É obrigação das escolas encontrar o elo perdido entre teoria e prática, buscando fugir do

modelo da “pedagogia de resultados”⁸. É função do professor, que tem sob sua responsabilidade a formação de centenas de jovens, defender uma pedagogia de integração. E é responsabilidade nossa, pesquisadores de jornalismo, lutar por um ensino que encontre o equilíbrio entre a cultura, a técnica e a teoria, mediação feita com maestria por Jobim décadas atrás, que ainda não conseguimos resgatar totalmente.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. **Danton Jobim: jornalista da democracia e senador da liberdade**. Rio de Janeiro: Livraria Padrão Editora, 1981.

DEWEY, John. **Democracia e educação: breve tratado de philosophia da educação**. Trad. Rangel, Godofredo e Teixeira, Anísio. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

DIÁRIO CARIOCA: o máximo de jornal no mínimo de espaço. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003. (Cadernos da Comunicação. Série Memória; v.9)

FACCHINETTI, Rosalba. **Cáspes Líbero: a primeira escola de jornalismo**. In: MARQUES DE MELO, José (org.). **Pedagogia da Comunicação: matrizes brasileiras**. São Paulo: Angellara, 2006.

JOBIM, Danton. **O espírito do jornalismo**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2003.

_____. **Pedagogia del periodismo: metodos de ensenanza orientados para la prensa escrita**. Quito: Ciespal, 1964.

LAGE, Nilson; FARIA, Tales; RODRIGUES, Sérgio. **Diário Carioca: o primeiro degrau para a modernidade**. Artigo apresentado no II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Florianópolis, 15 a 17 de abril de 2004.

_____. **Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Tese de livre docência apresentada à ECA-USP. São Paulo, 1983.

_____. **Comunicação e Modernidade**. São Paulo, Edições Loyola, 1991.

_____. **História do Pensamento Comunicacional: cenários e personagens**. São Paulo: Paulus, 2003a.

_____. **História social da imprensa**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2003b.

_____. **Memória em movimento: a participação brasileira na comunidade mundial das ciências da comunicação**. Comunicação apresentada ao Seminário “O pensamento comunicacional brasileiro”. Porto Alegre, julho de 2004a.

_____. **O pioneirismo de Danton Jobim na pesquisa jornalística brasileira**. Conferência proferida na sessão de abertura do X Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste. Rio de Janeiro, dezembro de 2004b.

MEDITSCH, Eduardo Barreto Vianna. **Conhecimento do jornalismo: elo perdido no ensino da comunicação**. Dissertação de mestrado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da USP. São Paulo: ECA-USP, 1990.

RIZZINI, Carlos. **O Ensino de Jornalismo**. Rio de Janeiro: 1953.

Recebido para publicação em 09-05-13; aceito em 10-06-13

⁸ Conceito de Eduardo Meditsch (1990), inspirado no “sindicalismo de resultados”, corrente do movimento sindical brasileiro identificada com a direita, mas que se considerava apolítica, adotando o lema “conservar melhorando”, para garantir sua sobrevivência política.